

A emergência de questões culturais no teletandem: perspectivas e reflexões

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v50i1.3001>

Paola de Carvalho Buvolini¹

Kátia Rodrigues Mello Miranda²

Daniela Nogueira de Moraes Garcia³

Resumo

A relevância das questões culturais na aprendizagem de línguas é identificada nos cenários globalizados da internacionalização e das tecnologias. Considerando que o teletandem constitui-se contexto de aprendizagem com parcerias para conversas bilíngues, retratamos temas culturais que emergem na interação, assim como o tratamento dado pelo participante na enunciação desses temas. Com base no suporte teórico de teletandem (TELLES, 2009, 2011, 2015), cultura (LEVY, 2007; PADILHA, 2004) e competência intercultural (BELZ, 2003) somado às noções de interculturalidade (MENDES, 2007) e transculturalidade (WELSCH, 1999), o presente trabalho utiliza metodologia qualitativa interpretativista para um estudo de caso de relatos ocorridos em 2016. Os resultados apontam um tratamento maior à cultura realizado pelo interagente devido à aproximação da parceria que ultrapassa a perspectiva intercultural de interação.

Palavras-chave: cultura; teletandem; interação.

1 Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium (UNISALESIANO), Lins, São Paulo, Brasil; paolabuvolini@gmail.com; <http://orcid.org/0000-0003-3781-7201>

2 Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Assis, São Paulo, Brasil; katiarmellomiranda@gmail.com; <http://orcid.org/0000-0002-2041-9795>

3 Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Assis, São Paulo, Brasil; dany7garcia@gmail.com; <http://orcid.org/0000-0003-2813-7538>

The emergence of cultural issues in teletandem: perspectives and reflections

Abstract

The relevance of cultural issues in language learning is identified in the globalized scenarios of internationalization and technologies. Considering teletandem as a learning context of partnerships for bilingual conversations, we approach cultural themes that emerge in interaction as well as the treatment they are given by the participant when enunciating them. Based on teletandem (TELLES, 2009, 2011, 2015), culture (LEVY, 2007; PADILHA, 2004), intercultural competence (BELZ, 2003), and interculturality (WELSCH, 1999) theoretical basis, this paper focus on an interpretativist methodology for case studies of 2016 reports. The results point to culture greater treatment by the interactant as partners are brought together and expand the intercultural perspective of interaction.

Keywords: culture; teletandem; interaction.

Introdução

Os avanços tecnológicos impõem novos tempos no cenário educacional, sobretudo em momento de pandemia e impossibilidade da condução de atividades presenciais. No que diz respeito às línguas estrangeiras, consideramos demandas diferenciadas no contato com os povos, línguas e suas culturas, possibilitado pelo intercâmbio virtual (O'DOWD, 2018, 2019). Dessa forma, as ações pedagógicas de sala de aula ganham novos contornos quando complementadas pelas ações de colaboração *on-line*.

Garcia (2020) retrata que o momento pandêmico alterou cenários e a telecolaboração tem sido utilizada como meio de viabilizar atividades, cursos e projetos, no Brasil e no mundo. Ross e DiSalvo (2020) retratam, por exemplo, iniciativas da Harvard University em dar prosseguimento às ações por meio de tandem e telecolaboração junto à sua comunidade acadêmica.

Plataformas, aplicativos e mídias têm permitido uma agregação muito significativa ao processo de ensino e aprendizagem de línguas e tal potencial, com vistas à globalização e internacionalização das instituições e conhecimentos, não pode passar despercebido por educadores. Deparamo-nos com uma interconectividade nunca vista e com a emergência de profícuos contextos de intercâmbio virtual e cultural. Para Schenker (2012), observa-se um deslocamento de divisas ao passo que as culturas emergem. Sendo assim, a era globalizada requer uma diversificação de competências e um processo mais focado no ensino de habilidades para suprir as necessidades dos alunos frente a constantes mudanças. Uma dessas habilidades indica como lidamos com nossa cultura e a cultura do parceiro num contexto de telecolaboração.

Consideramos que ética, bom senso e responsabilidade devam permear posicionamentos apropriados para focar o manejo com a cultura e os povos envolvidos, e, em ações de telecolaboração, tal panorama se potencializa e demanda cautela para todos os envolvidos no processo. Assim, o presente artigo constitui-se a partir do interesse em observar como a emergência de questões culturais no relato de interagentes brasileiros no contexto das sessões de teletandem acontece e analisar, nessa, o tratamento dado à cultura. Para tal, buscamos suporte no referencial da telecolaboração e teletandem, cultura e identidades culturais.

Apresentamos a metodologia do estudo e sua contextualização para, em seguida, compartilhar dados coletados que retratam questões culturais no contexto transcultural de aprendizagem de línguas. Realizamos a análise dos referidos dados e, por fim, tecemos nossas considerações finais acerca das contribuições e desafios observados.

Referencial teórico

A comunicação e as ações pedagógicas em línguas estrangeiras foram incrementadas pelo advento da internet. Mais do que se comunicar constantemente na própria língua, comunicar-se com um estrangeiro passou a ser uma atividade possível a mais pessoas por meio da colaboração *on-line*. Consequentemente, vislumbra-se um cenário para ascensão profissional facilitado pelos mercados globalizados, pelas universidades atentas à internacionalização, pela demanda de diálogos profissionais e pessoais como características da formação e constituição dos sujeitos contemporâneos.

A colaboração *on-line*, telecolaboração ou intercâmbio virtual são termos congruentes apontados por O'Dowd (2018, p. 1) para referir-se "ao engajamento de grupos em interações *on-line* interculturais e projetos de colaboração com parceiros de outros contextos culturais ou localizações geográficas como parte integrada de seus programas educacionais". Segundo o autor, o "intercâmbio virtual baseia-se em abordagens centradas no aluno, internacionais e colaborativas nas quais conhecimento e compreensão são construídos pela interação e negociação com estudantes de outras culturas" (O'DOWD, 2019, p. 1-2).

As ações em tandem, comumente praticadas na Europa desde os anos 1960 (BRAMMERTS, 2003; DELLILE; CHICHORRO FERREIRA, 2002), objetivam a formação de parcerias entre alunos de diferentes línguas para estabelecerem a colaboração *on-line* por meio da conversação e objetivos preestabelecidos. Dessa forma, a fim de viabilizar o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras, e pautando-se em democratizar o acesso e minimizar barreiras geográficas, o teletandem buscou embasamento na aprendizagem em tandem para se estabelecer.

Implementado como projeto pedagógico, o teletandem constitui-se como atividade e modalidade de colaboração *on-line*, permitindo a aprendizagem por meio de ferramentas tecnológicas gratuitas, sendo definido por Telles (2015, p. 604) como “um contexto virtual, autônomo e colaborativo no qual dois falantes de línguas diferentes utilizam recursos de tecnologia VOIP (texto, voz e imagem de *webcam*) para ajudar o parceiro a aprender a sua língua materna (ou linguagem de proficiência)”.

O teletandem prevê a realização das sessões de interação com duração aproximada de sessenta minutos, sendo dividida para as duas línguas, e também a sessão de mediação (SALOMÃO, 2012), que é conduzida posteriormente pelo professor/mediador, para que se abordem questões referentes à experiência e se promova reflexão e crescimento.

A utilização da língua no contexto de comunicação e colaboração entre estrangeiros significa facilitar o contato com a língua estrangeira, com o próprio estrangeiro e, conseqüentemente, com a cultura-alvo. A necessidade de conceituar cultura ocorre porque, no contexto *on-line* do teletandem, o que mais se enuncia são temas culturais, como a forma de comemorar feriados e seus significados, as comidas, as políticas, os sistemas acadêmicos e as atividades realizadas no fim de semana. Esses temas aparecem quando cada aprendiz explica como é no seu universo social e nacional. É nesse diálogo entre os pares que a comparação se instala e a diferença cultural aparece.

Para a definição de cultura, podemos recorrer a alguns autores. Segundo Padilha (2004, p. 187), “a cultura é, em primeiro lugar, a busca de conhecimento sobre a natureza humana, como meio pelo qual o ser humano se constrói em sua historicidade”. Englobando tal definição, Levy (2007) indica que a cultura é a “manifestação de um grupo ou de uma comunidade, quanto à experiência de um indivíduo dentro desse grupo ou separado dele”. Essa manifestação pode apresentar-se em cinco dimensões: cultura como elemento, como relativa, como filiação a um grupo, como contestada e individual e como variável e múltipla. Essas dimensões são caras aos estudos sobre cultura no teletandem, uma vez que explicitam performances dos participantes desse contexto ao tratarem de sua cultura e ao dialogarem sobre a cultura do parceiro.

A cultura como elemento evidencia que há uma orientação cultural para o indivíduo desde seu nascimento; portanto, a cultura, nessa perspectiva, é determinada, pré-definida e herdada como grade reguladora através de performances hierárquicas (BUTLER, 1999, 2004). É com essa dimensão que os interagentes iniciam suas conversas no teletandem, já que precisam falar de si como representantes da cultura do país em contato.

Kramsch (1998) conceitua cultura como a participação em uma comunidade discursiva que compartilha um espaço social comum, história e um imaginário comum. Ela estuda a cultura no ensino de línguas e vislumbra duas óticas de entendimento nesse contexto: a perspectiva modernista e a pós-modernista. Na primeira, a conceituação de cultura está

imbricada no Humanismo, na Sociolinguística e na Educação de línguas intercultural, configurando exemplos de comportamentos e representação cultural. Já na perspectiva pós-modernista, a cultura é um discurso de poder entre parceiros de países diferentes.

Segundo Zakir (2015, p. 44), “no teletandem, onde a língua é viva, [...] não se trata [...] de se pensar a cultura além da língua, mas de se levar em conta que a cultura e a sociedade estão na língua”. Assim, a cultura é o espaço de circulação e apropriação de signos e ideologias, porque “Os elementos culturais são tratados como um produto de consumo cunhado de maneira anedótica, frequentemente, estereotipada, a partir de um conteúdo gramatical ou literário” (ZAKIR, 2015, p. 18).

Por isso, ao tomar a cultura como tema para aprendizagem, uso ou aprofundamento da língua-alvo, os elementos culturais são “vendidos” pelo interagente que fala e “comprados” ou não pelo parceiro, que está (re)conhecendo a cultura via troca. Nessa perspectiva, a definição de cultura que nos embasa é a da cultura pós-modernista como discurso, sistematizada por Kramsch (1998).

Das definições de cultura, derivam os conceitos de competência intercultural (BELZ, 2003). Tal competência é uma ampliação da competência comunicativa pensada na década de 1980 (ALMEIDA FILHO, 2008) para aprimorar, sustentar e encaminhar os estudos acerca da aprendizagem de línguas. A competência intercultural corresponde à habilidade de agir, desempenhar-se em uma língua estrangeira de forma apropriada; é consequência do que tivemos antes como contato intercultural (KRAMSCH; URYU, 2014). Esse contato se dá entre pessoas de culturas diferentes que se relacionam e pode ser voluntário ou involuntário, quando um dos grupos em contato tem mais poder (político, econômico) e impõe essa relação potencializadora da criação de estereótipos.

Dessa competência, vale diferenciar o significado dos adjetivos “intercultural” e “transcultural”. De acordo com Mendes (2007, p. 20), interculturalidade corresponde a “modos de se compreender o outro e sua linguagem cultural entre mundos linguístico-culturais diferentes. Já a transculturalidade, segundo Welsch (1999), traz estudos sobre culturas que se interpenetram. São culturas em estado de fluxo, em trânsito.

Tomamos o conceito de transculturalidade (WELSCH, 1999) para evidenciar a comunicação *on-line* do teletandem, em estado de fluxo atual das culturas modernas complexas e também interligadas via globalização e uso da tecnologia. Nesse conceito, os indivíduos tendem a assimilar, negociar e mudar culturalmente pela aproximação com outras experiências culturais.

Importante salientar que não basta simplesmente unir aprendizes de diferentes países para alcançar benefícios de aprendizagem (RYDER; LYNCH, 2014). Os aprendizes

de nacionalidades diferentes iniciam suas interações alicerçados no conceito de interculturalidade e progridem em seus objetivos de aprendizagem da língua estrangeira com a perspectiva transcultural.

Metodologia

A análise apresentada aqui seguiu a pesquisa qualitativa, de cunho interpretativista para estudo de caso (YIN, 2013), apoiada nos paradigmas construtivistas e da Teoria Crítica, segundo Guba e Lincoln (1998). As sessões de interação em teletandem entre uma universidade pública brasileira e uma instituição estrangeira dos Estados Unidos ocorreram em um laboratório próprio, com o acompanhamento de professores/mediadores. Os dados aqui apresentados referem-se a quatro interações virtuais realizadas entre dez aprendizes das referidas universidades, durante o mês de abril de 2016.

Considerando a logística que prevê desde a comunicação entre instituições até o acompanhamento das interações, o quadro 1 apresenta um modelo de ficha que é enviado para preenchimento para que se iniciem os processos de organização das sessões. Assim, constam informações preliminares que contemplam nome das universidades, local de interação, número de alunos esperados, nível de proficiência, datas e horários previstos, número de interações, contato dos professores/mediadores responsáveis. Como se pode observar, a ficha disposta no quadro abaixo encontra-se em processo de preenchimento, passo inicial muito importante para as ações subsequentes.

Quadro 1. Organização das interações

TELETANDEM PARTNERSHIP PRELIMINARY INFORMATION									
FOREIGN UNIVERSITY (FU):		X University, Estado, USA				PLACE INTERACTION:		X University Estado, USA	
BRAZILIAN UNIVERSITY (BU):		xxxxx				PLACE INTERACTION:		Laboratório	
# STUDENTS (FU)* (expected or definite? Please, specify): <i>*Please, use one template for each student group</i>		10	PROFICIENCY LEVEL:	Beginner		PERIOD (BEGINNING AND END):		As soon as possible-ends April 29	
Time (FU) BEGINNING AND END OF SESSIONS:		12:45-1:45 (US) 13:40 - 14:40 (BR)	DAYS OF THE WEEK:	Mondays		# OF INTERACTIONS:		4 April 4, 11, 18 and 25	
MEDIATORS (FU) (NAME AND E-MAIL):		YYY xxxx@xxxx.edu Assistant professor of Spanish and Portuguese			MEDIATORS (BU) (NAME AND E-MAIL):		SSSS xxxx@xxxx.xxx		
SCHEDULE OF INTERACTIONS									
DATE:	March 14 Explanation session 12:45-1:45 (New York)	April 4	April 11	April 18	April 25				
TIME BR:									
DATA:									
TIME BR:									

Fonte: Equipe Teletandem Brasil

O contexto do presente estudo é o curso de Letras de uma universidade pública do interior do estado de São Paulo. Os participantes são 16 professores pré-serviço, cursando do primeiro ao quarto ano, períodos diurno ou noturno, e que, em geral, são envolvidos em várias outras ações do câmpus, como projetos de ensino, de pesquisa ou de extensão, monitorias no Centro de Línguas da unidade, dentre outras. O quadro 2 demonstra, sob nomes fictícios, o panorama explicitado.

Quadro 2. Participantes da pesquisa

TELETANDEM PARTNERSHIP- LIST OF PARTICIPANTS						
STUDENT NAME FU	E mail	Skype		STUDENT NAME BU	E mail	Tel
1.AEJ	@student.xx.edu	xxx		1. Jorge	@hotmail.com	xxx
2.KB	@student.xx.edu	xxx		2. Luciano	@hotmail.com	xxx
3. JM	@student.xx.edu	xxx		3. Helga	@hotmail.com	xxx
4.MG	@student.xx.edu	xxx		4. Guilherme	@gmail.com	xxx
5.MC	@student.xx.edu	xxx		5. Patrícia	@hotmail.com	xxx
6. KS	@gmail.com	xxx		6. Sandro	@outlook.com	xxx
7.RM	@student.xx.edu	xxx		7. Mariana	@hotmail.com	xxx
8.CD	@student.xx.edu	xxx		8. Valter	@gmail.com	xxx
9.DB	@student.xx.edu	xxx		9. Luiza	@gmail.com	xxx
10.CM	@student.xx.edu	xxx		10. Catarina	@hotmail.com	xxx
11.Anthony	@student.xx.edu	xxx		11. Carolina	@terra.com.br	xxx

Fonte: Equipe Teletandem Brasil

Além da participação nas sessões de interação e mediação, foi solicitada a produção de relatos escritos para os participantes brasileiros, divididos em: Tarefa 1. Descrição do parceiro (sessão de 04/04); Tarefa 2. Questões culturais que permearam suas interações (sessão de 11/04); Tarefa 3. Relato detalhado da interação realizada de forma independente em casa (sessão de 18/04); Tarefa 4. Relato da interação final (sessão de 25/04). O quadro 3 compila as informações aqui expostas.

Quadro 3. Participantes da pesquisa

Número da Tarefa	Sessão de Interação de referência	Proposta
Tarefa 1	04/04	Descrição do parceiro
Tarefa 2	11/04	Questões culturais que permearam interações
Tarefa 3	18/04	Relato detalhado da interação realizada de forma independente em casa
Tarefa 4	25/4	Relato da interação final

Fonte: Elaboração própria

Realizamos um recorte nesses dados e, pela relevância, analisamos aqui os relatos escritos presentes nas Tarefas 2, 3 e 4, da parceria Carolina e Anthony (nomes fictícios),

a fim de verificar a emergência das questões culturais nos momentos de interação para dialogar com o foco do presente artigo.

Compartilhando e analisando os dados

Tomando o relato dos interagentes ressaltados no quadro, compartilharemos os dados tal como foram enviados à equipe do teletandem e os analisaremos com o foco de verificar como o interagente brasileiro, especificamente, trata suas interações. Lembramos que, ao fazer isso, o objetivo maior é expandir o espaço da cultura em atividades que aparecem como quase exclusivamente linguísticas.

A parceria selecionada é de Carolina e Anthony, que demonstra como a aproximação foi acontecendo em termos de fluidez das interações, os temas culturais discutidos e a percepção dela, interagente brasileira que fez o relato, em relação ao aprofundamento ou não de dada questão cultural.

Excerto 1. Cultura geral (Trecho de Tarefa 2 de Carolina)

Há uma diferença de idade considerável entre mim e Anthony (23 anos), o que também torna a interação mais superficial, uma vez que os assuntos de interesse são distintos. Conversamos sobre preferências musicais, ele rock clássico e eu MPB. Conhecia algumas bandas que ele mencionou como Led Zeppelin, Cold Play, Eric Clapton. Ele pareceu não conhecer compositores brasileiros como Chico Buarque, Tom Jobim, Caetano Veloso, entre outros.

Alguns elementos culturais apareceram de forma sutil, como a gentileza dele em não denunciar meus erros (mesmo eu deixando claro a ele que poderia fazê-lo) e esforçar-se para compreender tudo o que eu dizia, sem demonstrar estranhamento quando alguma frase não era bem elaborada ou me faltava vocabulário. Desta forma, também evitei corrigi-lo.

Fonte: Elaboração própria

A partir do exposto por Carolina, após sua primeira interação com Anthony, podemos destacar que ela busca entender seu parceiro e sua cultura através de temas que foram suscitados como música, a gentileza ao não corrigir seus erros – o que podemos destacar como certa etiqueta social –, acesso a cidades e às Olimpíadas, diferenças climáticas que induzem alimentação, vestimentas e esportes. Carolina descreve e lista os temas abordados, cumprindo o gênero relato e norteando sua própria aprendizagem cultural.

É notória a comparação das culturas pela marcação da diferença, como já salientou Woodward (2013). Essa marcação no relato de Carolina também evidencia a diferença de idade que permitiu que ela e seu parceiro falassem sobre temas culturais mais generalizantes e efetivassem a interação com perguntas e respostas breves, menos espontâneas e ligadas ao objetivo do teletandem, de tornar possível o uso das línguas em contato (TELLES, 2009).

Ainda na segunda interação, conforme o excerto 1, Carolina relata que “Para ele é surpreendente eu não ir às Olimpíadas, uma vez que será no Brasil, ou seja, parece não lhe fazer [sic] sentido as barreiras de deslocamento que vivenciamos”. Identificamos, aí, uma marcação de diferença que incomodou Carolina. Isso é constatado com as expressões “surpreendente” e “parece não lhe fazer [sic] sentido”. Carolina indica que o fato de ela não assistir às Olimpíadas que aconteceram no Brasil foi uma postura diferente, não esperada ou realizada por Anthony, mas não traz em seu relato o porquê isso a incomodou e como trataria desse impasse na própria interação. Nesse tratamento de tal questão cultural, não discutir os valores sociais que se estampam com as questões culturais demarca, ainda, um olhar intercultural para as culturas; é como se só olhasse dadas culturas sem transitar por elas e experienciar seus costumes.

O fato de Carolina não ir às Olimpíadas deflagra uma questão cultural maior do que ir ou não aos jogos: assinala a diferença de um país grande, com distâncias singulares para deslocamento que geram custo e tempo. Esses fatores pedem que Carolina enuncie sua não participação nos jogos e ressalta ao parceiro sua vivência, diferente da que ele faria, possivelmente pela idade, por valorizar esse grandioso evento que não acontece anualmente.

Com esse excerto destacamos a cultura como relativa, de acordo com Levy (2007). Na comparação entre quem vai ou não às Olimpíadas, a cultura individual apresenta-se e as práticas sociais e culturais são relativizadas. Numa possível generalização, Carolina pode entender que não há problemas de deslocamento para Anthony diante de um evento como as Olimpíadas e para ela, representante brasileira pelo verbo “vivenciamos”, há barreiras de deslocamento.

Nesse sentido, a cultura vista como relativa coloca culturas e sujeitos em bolhas que não se misturam, ação que dificulta e não condiz com os movimentos translíngüísticos, econômicos, da globalização, que pedem cada vez mais contato entre culturas e línguas e não valoriza as culturas-bolhas, mas sim os símbolos culturais que nascem desses contatos negociáveis, dialogáveis.

Excerto 2. Políticas (Trecho de Tarefa 3 de Carolina)

Iniciamos a conversa sobre a votação do impeachment de Dilma. Andrew me questionou a respeito. Comentei sobre a divisão do país, os discursos de ódio, a manipulação da mídia e as manifestações unilaterais. Conversamos um pouco sobre a formação política no Brasil e nos EUA. Ele comentou sobre a presença de matérias relacionadas à política em toda sua formação acadêmica. Falei sobre a ausência destas discussões no ambiente educacional em nosso país, tomando por base a formação de meus filhos. André se posicionou apontando que mesmo com a formação que têm, nem todos os jovens se envolvem em questões sociais em seu país. Para ele a alienação não é algo local, mas global. Questionei sobre as eleições nos EUA e ele não aprofundou os comentários.

Fonte: Elaboração própria

Carolina, em sua terceira tarefa, expande seu relato destacando uma interação mais política porque ela deu a maioria das respostas e quando questionou seu parceiro não teve o mesmo retorno, como expõe: “Questionei sobre as eleições nos EUA e ele não aprofundou os comentários”. É essa superficialidade que permite afirmarmos que esses interagentes estavam validando a experiência do teletandem em uma perspectiva intercultural (MENDES, 2007). Não há aprofundamentos no diálogo para negociar novas visões, assumindo novas perspectivas culturais. São essas ações que delimitam a transculturalidade.

Na terceira interação, Carolina traz um desenvolvimento maior em relação a um tema bem dialogado, que foi o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. Ao observar a extensão do relato, podemos afirmar que houve mais espontaneidade na comunicação síncrona, o que revela o início da aproximação da parceria e uma abertura para a diferença intercultural.

Destacamos a diferença intercultural porque, nesse momento de interações iniciais, o que é possível de estabelecer com o parceiro estrangeiro é a comparação de culturas diferentes como dois polos opostos. De tal posição, os interagentes comunicam-se usando questões culturais ao tomar suas culturas como elementos valorados de troca e a cultura de seu país como contestada e individual, de acordo com a perspectiva de Levy (2007). Nessa última dimensão, o interagente é o representante maior da cultura de sua comunidade nacional e, porque (re)afirma o que dessa cultura já é conhecida via mídias sociais, tal cultura pode ser contestada e é marcada pela voz do interagente, por isso, individual.

No relato de Carolina, a comparação Brasil x EUA é constante porque é nesse processo intercultural que esses interagentes se assumem a partir de um lugar e podem falar de si num processo metonímico ao tratarem de suas culturas (BUVOLINI-FREITAS, 2020).

O fragmento 3, a seguir, evidencia a aproximação maior entre os interagentes a partir do uso do verbo na 1ª pessoa do singular; há um tratamento mais transcultural, uma vez que há negociação de conhecimentos, de hábitos culturais que passam, nesse tema da leitura, a ser comuns aos dois interagentes.

Excerto 3. Leitores (Trecho de Tarefa 3 de Carolina)

Conversamos sobre a dificuldade dos jovens em ler e novamente entendemos que não se trata de um aspecto apenas de nosso país, pois Andrew referiu que muitos de seus amigos se esquivam da leitura.

Solicitei o endereço de sua página para conhecer os artigos que publica e conversarmos a respeito no encontro seguinte.

Fonte: Elaboração própria

Carolina trata a questão cultural da dificuldade de leitura como “não apenas de nosso país”. O parceiro dimensionou a dificuldade de ler dos amigos em oposição à dele que, além de ler, escreve artigos num *site*.

Nesse excerto, há negociação do hábito da leitura em relação aos interagentes, ou seja, numa perspectiva pessoal, e também comentam, numa perspectiva social, quando Carolina determina que os jovens brasileiros têm dificuldade de ler e Anthony refere-se aos amigos. A referência de Carolina é generalizante quando toma os jovens dando a sensação de todos os jovens brasileiros terem dificuldades. Assim, a noção de cultura segue sendo relativa, segundo Lévy (2007).

Os excertos 4, 5 e 6 fazem parte de todo o relato de Carolina no último dia de interação, 25/04/16. Nesses últimos excertos, a expressão “Anthony não se aprofundou”, recorrente nas primeiras interações, não aparece mais; há agora as constatações de “entendemos juntos”, “concordamos”. Isso destaca o efeito de seguir com o mesmo parceiro a fim de validar os objetivos de participação no teletandem, assim como de tornar essa experiência o menos superficial e generalizante possível.

Excerto 4. Liberdade de imprensa (Trecho de Tarefa 4 de Carolina)

Iniciamos falando sobre os recentes artigos publicados em seu *website* cujos temas eram: 1) as sátiras dos jornais sobre o candidato “Donald Trump”; 2) a repercussão de seus artigos na sociedade, especialmente quando tratam de problemas e dificuldades enfrentados pela Universidade onde estuda;

Em ambos os casos, os textos retratavam as censuras praticadas pela sociedade aos jornalistas. Falamos sobre a liberdade de expressão e sobre os cuidados que ele precisa ter devido à vigilância intensa de seu Estado sobre os danos morais e direitos de cada cidadão.

Falamos sobre a herança do regime militar no Brasil e os resquícios da mesma em algumas ações do Estado em nosso país, especialmente no que diz respeito à censura jornalística. Concordamos, eu e ele, que apesar da certa censura, parece haver mais liberdade de expressão no Brasil, talvez por um menor zelo quanto à “privacidade” do outro, o que tem seu lado bom e ruim ao mesmo tempo.

Fonte: Elaboração própria

Nesse quarto excerto, a temática envolvendo cultura passou pelo uso de *website* que Anthony faz e como esse veículo pode ser especulado, como proposto por Carolina no excerto 3.

Sobre os artigos, as questões políticas acerca do presidente dos EUA, Donald Trump, ficaram em evidência. Ao tocar nas questões políticas, falou-se também sobre as dificuldades da Universidade onde ele estuda. Cabe destacar que Carolina é professora universitária, então, embora em funções acadêmicas diferentes, vivenciam o espaço da universidade.

Ao discutirem sobre os artigos e sátiras apresentados, focou-se na censura à imprensa e parece unânime a opinião de que há falta de liberdade de expressão aos jornalistas, principalmente porque estão na linha das publicações discutidas.

Há nesse excerto uma convergência de opiniões e culturas e a saída de comparações dicotômicas para uma junção, uma soma, uma negociação de percepções culturais: “concordamos, eu e ele, que apesar de certa censura parece haver mais liberdade de expressão no Brasil”. A justificativa que vem na sequência pode ter sido discutida na própria interação ou apresentada por Carolina no seu momento de relatar essa experiência. Cabe destacar que tal relato gera uma autorreflexão e isso pode trazer acréscimo para o momento do relato e não propriamente da interação. De qualquer modo, essa autorreflexão observada no relato destaca o efeito benéfico e respeitoso da comunicação *on-line* no contexto do teletandem.

Quando Carolina permitiu a discussão sobre a vantagem de o Brasil ter maior liberdade de expressão, promoveu a sua liberdade de expressão também com o parceiro para abordar, com mais desenvoltura, seu país, mesmo sem especificar os pontos positivos e negativos.

Verificamos que na escrita de Carolina também não há o aprofundamento que ela requisitou do parceiro. Tal afirmação se faz possível porque não há um desenvolvimento dela, no relato, de quais sejam os pontos positivos e negativos de o Brasil ter mais liberdade de expressão porque nele há “menor zelo quanto à privacidade do outro”. A falta de privacidade, além de estar entre aspas, sugerindo um segundo sentido, também não é explicada, gerando em quem leria o relato certa aprovação, confirmação dessa característica política, social e, no todo, cultural.

Na próxima passagem da mesma interação, Carolina inicia exaltando o parceiro e elenca a música e o cinema como tópicos culturais do momento.

Excerto 5. Músicas e Filmes (Trecho de Tarefa 4 de Carolina)

Anthony é muito interessado em filmes e músicas, sempre conversamos a respeito. Ele participa de uma banda e tem um gosto musical variado. Dialogamos sobre a comercialização da cultura e a pasteurização daquilo que as pessoas em geral ouvem e assistem. Falamos sobre a prevalência de músicas e filmes norte-americanos (nas diversas partes do mundo) em detrimento de compositores latino-americanos, europeus, entre outros...

Anthony questionou-me sobre indicações de filmes e músicas brasileiras. Sugeri compositores/cantores de músicas de raiz, sambas, bossa nova/MPB, *pop*, *rock* nacional, entre eles – Almir Sater, Renato Teixeira, Sérgio Reis, Pena Branca e Xavantinho, Paulinho da Viola, Pixinguinha, Martinho da Vila, Adoniran Barbosa, Cartola, Noel Rosa, Elis Regina, Geraldo Vandré, Taiguara,

Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Rita Lee, Tom Jobim, Raul Seixas, Gilberto Gil, Jorge Bem Jor, Tim Maia. Todos do século passado! Falei sobre a Jovem Guarda, o movimento Tropicália, Os novos baianos, o Clube da esquina e a relação da efervescência musical na década de 60-80 com o momento político da ditadura e pós-ditadura, isso porque Anthony questionou-me sobre o porquê da diminuição de novas bandas e conjuntos nacionais nos últimos anos.

Anthony também me questionou sobre filmes brasileiros. Comentou que assistiu a *Domésticas* e gostou muito, uma vez que não retratou apenas as belezas do Brasil, mas nossa realidade social. Sugeri *Cidade de Deus*, *Macunaíma*, *Central do Brasil*, *Ilha das Flores*, *O som ao redor*, *Jogo de Cena*. Dentre esses, conhecia *Cidade de Deus*.

Fonte: Elaboração própria

Carolina sugere a Anthony uma paleta cultural das nossas artes diante dos questionamentos recorrentes nas interações de teletandem sobre qual filme brasileiro assistir e qual cantor ouvir. Como Carolina é mais velha, suas sugestões podem ser distintas de um interagente mais jovem, mas ela estampa a arte cinematográfica e musical clássica para nós brasileiros, é uma referência ao cinema e à música elitizados e consagrados como o bom a se apresentar a um estrangeiro.

A interagente justifica suas indicações a partir do questionamento de Anthony acerca da diminuição de bandas e conjuntos nacionais nos últimos anos. Na realidade, houve diminuição dentro desses gêneros que Carolina apresentou porque há novas bandas nos gêneros vistos como menores ou desvalorizados, como o *funk*.

Com esse fragmento vemos a valorização de uma cultura dentro da cultura nacional que será transmitida ao parceiro. Está aí a riqueza e o limite do teletandem: transmite-se uma noção cultural a partir de uma pessoa, suas subjetividades e formações ideológicas, e isso pode ser tomado pelo parceiro como índice da cultura de todo o país do qual a interagente faz parte.

Excerto 6. Autoavaliação (Trecho de Tarefa 4 de Carolina)

Acredito que esta última interação foi a mais farta em termos de troca cultural, o que certamente muito nos acrescentou. Agradeço a oportunidade da interação. A angústia inicial, causada pela insegurança, foi aos poucos sendo substituída pela curiosidade e desejo de melhor conhecer o outro, o que minimizou as dificuldades e enriqueceu a relação.

Fonte: Elaboração própria

Com a sequência dos relatos de Carolina, percebemos que ela e seu parceiro aguçaram suas competências interculturais nesse espaço de teletandem, pois, conforme Kramsch (1998), agiram, performaram-se usando suas línguas para falar de suas culturas e aprender, rever a cultura do outro, transitando entre os valores culturais e ideológicos de cada um para negociar suas culturas e subjetividades.

Nesse momento de finalização da parceria, Carolina valida a última interação como repleta de questões culturais, além da troca da insegurança inicial pela curiosidade de conhecer o outro e sua cultura. Assim, a interação enriqueceu identidades culturais, pois houve uma negociação das formas de ver e rever as culturas em foco.

Considerações finais

Entendendo a pertinência das ações de intercâmbio virtual e a construção de conhecimento no cenário das línguas estrangeiras, o relato desses interagentes dimensiona as culturas brasileira e estadunidense em trânsito no teletandem.

As primeiras interações como foram relatadas pela interagente brasileira evidenciam uma abordagem de cultura na perspectiva do interculturalismo; suas culturas como ilhas, mundos diferentes e dicotômicos, sem encontro, sem mistura, só observados por suas diferenças. É com o transculturalismo que a interagente lança, para a cultura do parceiro, um olhar que vai da comparação ao respeito e à possibilidade de desconstrução de ideias estereotipadas, pois, ao discutir temáticas culturais, eles podem assimilar, negociar e mudar culturalmente pela aproximação com outras experiências.

Segundo Rodrigues (2013, p. 60-61),

A cultura (como representação de hábitos) é entendida como a aprendizagem de informações culturais acerca de um povo, informações estas engessadas e que simplificam os múltiplos componentes culturais de um povo, dando espaço à criação de estereótipos que, mesmo sendo positivos, têm o caráter de limitar a vivência de uma cultura específica, dificultada por meio de generalizações.

Ao apreender informações e, conseqüentemente, a cultura de outros países por um falante morador dele podemos confirmar a imagem que já havia sido construída, por imagens generalizadas. É no rompimento da fronteira intercultural que a transculturalidade toma lugar para relações culturais mais flexíveis, transponíveis e respeitadas.

Em relação a essa abertura da perspectiva intercultural para a transcultural nos modos de tratar e refletir as questões culturais, Padilha (2004, p. 261), além de criar um conceito de soma dessas perspectivas – intertransculturalismo – ressalta que

[...] é recomendável juntar as duas dimensões como forma de assegurar tanto as interações como a intencionalidade, a existência de espaços para trocas culturais e, ao mesmo tempo, de uma relação mútua que permita o reconhecimento de elementos patrimoniais comuns, bem como os seus traços universais que podem contribuir para aproximar e mais identificar as culturas. No encontro intercultural não necessariamente se dá a transculturalidade.

Percebemos que o teletandem, principalmente a mediação conduzida pelo professor/pesquisador/mediador, tem o caráter de não limitar a vivência transcultural. Essa mediação estimula (ou deve estimular) a abertura de fronteiras, o questionamento das culturas e o respeito das diferenças dos hábitos (estereótipos) culturais-nacionais.

Dessa forma, identificamos, na colaboração *on-line*, em especial no teletandem, aqui abordado, um espaço catalisador para experiências significativas nas línguas e culturas que efetivem benefícios na aprendizagem de línguas e valores transculturais. Salientamos, ainda, a necessidade de mais estudos que enfoquem esse desafiador, mas muito promissor, campo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

BELZ, J. A. Linguistic perspectives on the development of intercultural competence in telecollaboration. *Language Learning & Technology*, v. 7, n. 2, p. 68-99, 2003.

BRAMMERTS, H.; KLEPPIN, K. Supporting face-to-face tandem learning. In: LEWIS, T; WALKER, L. (ed.). *Autonomous Language Learning in Tandem*. Sheffield (UK): Academy Electronic Publications Limited, 2003.

BUTLER, J. *Lenguaje, poder e identidad*. Tradução Javier Sáez y Beatriz Preciado. Madrid: Síntesis, 2004.

BUTLER, J. *Bodies That Matter*. Londres: Routledge, 1999. [o capítulo introdutório deste livro foi publicado, em português, em LOURO, G. L. (org.). *O corpo educado – Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 151-172].

BUVOLINI-FREITAS, P. C. *Efeitos dos estereótipos no teletandem*. 2020. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2020.

DELLILE, K. H.; CHICHORRO FERREIRA, A. (ed.). *Aprendizagem autónoma de línguas en Tandem (Textos pedagógicos e didácticos. 12)*. Lisboa: Colibri, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2002.

GARCIA, D. N. M. *Perspectivas educacionais e novas demandas: contribuições da telecolaboração*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. Competing paradigms in qualitative research. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.). *The Landscape of Qualitative Research: Theories and Issues*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1998.

KRAMSCH, C. *Language and Culture*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

KRAMSCH, C.; URYU, M. Intercultural contact, hybridity and third space. In: JACKSON, J. (ed.). *The Routledge Handbook of Language and Intercultural Communication*. New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2014. p. 211-225.

LEVY, M. Culture, culture learning and new Technologies: toward a pedagogical framework. *Language Learning and Technology*. v. 11, n. 2, p. 104-127, 2007.

MENDES, E. Perspectivas interculturais no ensino de línguas: uma relação "entreculturas". In: ALVAREZ, M. L. O; SILVA, K. A. da. (org.). *Linguística Aplicada: múltiplos olhares*. Brasília: Pontes, 2007. p. 119-139.

O'DOWD, R. From telecollaboration to virtual exchange: state-of-the-art and the role of UNICollaboration in moving forward. *Journal of Virtual Exchange*, v. 1, p. 1-23, 2018.

O'DOWD, R. *The EVALUATE Group. Evaluating the impact of virtual Exchange on initial teacher education: a European policy experiment*. Research-publishing.net., 2019.

PADILHA, P. R. *Currículo Intertranscultural: novos itinerários para a educação*. São Paulo: Cortez, 2004.

RODRIGUES, D. G. *A articulação língua-cultura na coconstrução da competência intercultural em uma parceria de Teletandem*. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2013.

ROSS, A. F.; DISALVO, M. L. Negotiating displacement, regaining community: The Harvard Language Center's response to the COVID-19 crisis. *Foreign Language Annals*, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/flan.12463>. Acesso em: 02 jul. 2020.

RYDER, L.; LYNCH, L. Y. Understanding Tensions: Activity Systems Analysis of Transpacific Collaboration. *CALICO Journal*, v. 31, n. 2, p. 201-220, 2014.

SALOMÃO, A. B. C. *A cultura e o ensino de língua estrangeira: perspectivas para a formação continuada no projeto teletandem Brasil*. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2012.

SCHENKER, T. Intercultural Competence and Cultural Learning through Telecollaboration. *CALICO Journal*, v. 29, n 3, p. 449-470, 2012.

TELLES, J. A. Learning foreign languages in teletandem: Resources and strategies. *D.E.L.T.A.*, v. 31, n.3, p. 603-632, 2015.

TELLES, J. A. *Teletandem e Transculturalidade na interação on-line em línguas estrangeiras por webcam*. Projeto de pesquisa financiado pela FAPESP, 2011.

TELLES, J. A. *Teletandem: um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI*. Campinas: Pontes, 2009.

ZAKIR, M. A. *Cultura e(m) telecolaboração: uma análise de parcerias de teletandem institucional*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2015.

WELSCH, W. Transculturality – the puzzling form of cultures today. *In: FEATHERSTONE, M.; LASH, S. (org.). Spaces of culture: city, nation, world*. London: Sage, 1999. p. 194-213.

YIN, R. K. *Case Study Research: Design and methods*. 5. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2013.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In: SILVA, T. T. da. Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.